

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Valdirene Aparecida dos Santos Vieira

**ARTES E LITERATURA: PREVENÇÃO AO RACISMO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2010

Valdirene Aparecida dos Santos Vieira

ARTES E LITERATURA: PREVENÇÃO AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Culturas Afro-Brasileiras, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Liliane dos Santos Jorge
Co-orientadora: Miriam Lúcia dos Santos Jorge

Belo Horizonte

2010

Valdirene Aparecida dos Santos Vieira

ARTES E LITERATURA: PREVENÇÃO AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Culturas Afro-Brasileiras, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Liliane dos Santos Jorge
Co-orientadora: Miriam Lúcia dos Santos Jorge

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Liliane dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

Miriam Lúcia dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

Maria José Batista Pinto – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho à minha família pelo
Incentivo, apoio e compreensão.

Agradeço a Deus em primeiro lugar pelo dom da vida,
Aos meus pais pelo carinho,
Aos meus familiares e amigos, pela certeza de não estar só,
À minha parceira do plano de ação Adriana Amantéa,
Pelo compromisso e seriedade,
Aos professores e orientadores do curso: Liliane dos Santos Jorge e Miriam Lúcia dos Santos Jorge,
Minha gratidão infinita.

“A educação é a mais poderosa arma pela qual se pode mudar o mundo”. (Nelson Mandela)

RESUMO

Este trabalho consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano de 2010, na Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia, em uma turma de alunos de três anos.

O tema central deste trabalho foi a Prevenção ao Racismo e teve como principal objetivo prevenir o racismo auxiliando na construção da identidade cultural das crianças negras e pardas, tornando-as orgulhosas de sua herança afro descendente.

Este trabalho está estruturado em nove partes.

Na primeira parte, fazemos uma descrição do contexto em que o Plano de Ação Pedagógica foi desenvolvido, apresentamos a temática escolhida e sua justificativa teórica, bem como seus objetivos gerais e específicos.

Na justificativa discutimos teoricamente acerca da necessidade de prevenir o racismo auxiliando na construção da identidade cultural das crianças negras e pardas, tornando-as orgulhosas de sua afro descendência.

Na segunda parte descrevemos o desenvolvimento das ações desenvolvidas, destacando as atividades realizadas juntamente com a história usada como eixo detonador.

Finalmente, na terceira parte, apresentamos uma avaliação do trabalho feito ressaltando o desenvolvimento integral da criança e o seu nível de construção, respeitando e valorizando cada momento de sua vida, o seu tempo de ser, de se desenvolver num ritmo próprio, propiciando detalhadamente aos alunos o contato com várias literaturas africanas, que lhe permitiram desenvolver suas habilidades de sonhar, imaginar, criar e produzir, através das atividades desenvolvidas.

Palavras-chave: Educação infantil – Racismo - Diversidade

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 09 |
| 1.1 caracterização do contexto e do público escolar | 09 |
| 1.1.2 escola municipal carmelita carvalho Garcia | 09 |
| 1.2 a proposta pedagógica | 10 |
| 1.3 educação infantil e sua proposta pedagógica | 12 |
| 1.4 a relação escola/comunidade | 13 |
| 1.5 a turma na qual será implantado o plano de ação | 14 |
| | |
| 2. JUSTIFICATIVA | 16 |
| | |
| 3. OBJETIVO GERAL | 20 |
| 3.1 objetivos específicos | 20 |
| | |
| 4. METODOLOGIA | 21 |
| | |
| 5. DESENVOLVIMENTO | 23 |
| | |
| 6.AVALIAÇÃO | 26 |
| | |
| 7.CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| | |
| 8. REFERÊNCIAS | 29 |
| | |
| 9. ANEXOS | 31 |

1. INTRODUÇÃO

1.1 Caracterização do contexto e do público escolar

1.1.2 Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia: história e organização institucional

A Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia situa-se na Rua Aluizio Davis, nº 53, Bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte/MG, mantida pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A escola recebeu este nome, em homenagem à Dona Carmelita Carvalho Garcia, mãe do ex-governador do Estado de Minas Gerais, senhor, Hélio Garcia. Dona Carmelita era professora, em Santo Antônio do Amparo. Nasceu em 23/07/1902 e faleceu em 28/08/59.

A escola foi uma conquista da comunidade do bairro Ouro Preto; os moradores tiveram que se unir para reivindicar sua construção; sendo que as famílias eram de baixa renda e não tinham escolas que atendessem seus filhos, tendo estes que deslocar mais de um quilômetro para estudar. A escola começou a funcionar a partir de 27/12/85 em algumas salas da Escola Estadual Francisco Menezes Filho, situada no Bairro Ouro Preto,

A Prefeitura autorizou a construção do prédio em 1982. A mudança para a Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia aconteceu em 25/08/86. Foram os funcionários, alunos e pais que fizeram a limpeza do prédio, a mudança e a organização das salas.

O espaço físico é razoável e atende, em parte, a organização da escola. Não existem adequações do espaço físico em relação aos portadores de necessidades especiais, pois faltam rampas de acesso, banheiros adaptados e outras adaptações que garantam a acessibilidade.

Os níveis de ensino são: educação infantil, ensino fundamental regular e ensino fundamental e educação de jovens e adultos (EJA).

O corpo docente é composto de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1: composição do corpo docente.

| AREA DE ATUAÇÃO | Nº DE PROF | AREA DE FORMAÇÃO |
|----------------------------------|------------|--|
| Ed. Infantil | 12 | 8 Pedagogias - 1 Psicologia – 2 Letras 1 Normal Superior |
| 1º Ano 1º Ciclo (Pré-escolar) | 2 | 2 Pedagogia |
| 2º Ano do 1º Ciclo (1º Série) | 3 | 3 Pedagogia |
| 3º Ano do 1º Ciclo (2º série) | 3 | 2 Pedagogia - 1 Letras |
| 1º Ano do 2º Ciclo (3º série) | 4 | 1 Pedagogia - 1 Ed.Física - 1 Lic. Artes - 1 Serv. Social |
| 2º Ano do 2º Ciclo (4ª série) | 6 | 1 Pedagogia - 2 Letras - 1 Turismo - 1 Ed.Física - 1 Lic. Artes |
| 3º Ano do 2º Ciclo (5º série) | 8 | Pedagogia - Letras - Ed.Física - Turismo |
| 1º Ano do 3º Ciclo (6º Serie) | 13 | Pedagogia - Letras - Arquitetura - Matemática- Ciências Bio. |
| 2º Ano do 3º Ciclo (7º série) | 8 | Pedagogia - Letras - Ed.Física - Ciências Bio |
| 3º Ano do 3º Ciclo (8º série) | 10 | História- Geografia - Ciências Bio - Arquitetura - Letras |

1.2 A Proposta Pedagógica

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola está em construção. A proposta pedagógica que vigora na escola baseia-se no conjunto que abrange as orientações da SMED, as referências norteadoras contidas nos cadernos da Escola Plural e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Os Referenciais Curriculares Municipais são pouco utilizados.

De acordo com a proposta curricular, os professores são orientados a trabalhar o conteúdo baseado em uma vivência real, levando o aluno a perceber que o que se aprende na escola tem a ver com o mundo que o cerca. E que os conhecimentos sistematizados são informações que o ajudam a compreender o mundo e facilitam sua interação com o mesmo.

A proposta pedagógica busca garantir a formação humana em sua totalidade,

levando-se em conta as especificidades de cada idade de formação, bem como os diferentes ritmos e formas de aprender, as diferentes identidades e vivências culturais dos sujeitos, tendo em vista as dimensões éticas, lúdicas, corporal, política, afetivo/emocional, cognitiva, social e ambiental. Procura garantir a pluralidade de conhecimentos, estabelecendo inter-relações que possibilitem autonomia do pensamento e ação, trabalhando os conteúdos curriculares, visando ao desenvolvimento cognitivo e à apropriação dos saberes universais.

As diretrizes para a educação das relações étnico-raciais foram incluídas pela primeira vez em 2006 com a feira cultural sobre consciência negra. A princípio, a data 20 de novembro foi a detonadora dos trabalhos envolvendo atividades de reflexão e valorização da cultura afro-brasileira. Posteriormente, tal mobilização produziu positivo efeito e outros trabalhos desvinculados da comemoração foram realizados. Professores passaram a trabalhar com a coleção de livros¹ que abordam aspectos do continente africano. Em sala de aula, estereótipos e preconceitos foram sendo desmistificados através de aulas esclarecedoras e de cunho mais científico, já que se priorizaram as pesquisas e textos fundamentados, abrindo-se para debates. Essa dinâmica pedagógica foi incluída em todos os ciclos, com níveis de abordagens diferenciados, contudo com abertura para uma proposta pedagógica capaz de perceber as demandas existentes na escola em relação à identidade afro-brasileira, já que parte da comunidade escolar é de pardos e negros.

O projeto existente na proposta pedagógica percebe o aluno como produtor de cultura, envolvido em uma realidade produzida e modificada por ele. No entanto, ainda há uma “peneira” moral no corpo docente que emite juízo de valores quanto ao que é ou não aceitável dentro da escola. Algumas músicas, interesses, jogos, filmes e relacionamentos são julgados como inaceitáveis mesmo que reflitam um ponto de referência do aluno. Por exemplo, a escola abriu espaços para uma “rádio estudantil” na hora do recreio. Os alunos ficaram responsáveis pela programação. Porém, as músicas tocadas “incomodaram” os funcionários, a ponto dos mesmos persuadirem os alunos a se envolverem em “outros projetos”; a rádio

¹ PRANDI, Reginaldo – Ifá, o adivinho
ASARE, Meshack - O chamado de Sosu
BARBOSA, Rogério Andrade - Histórias africanas
BADOR, Adwoa - Histórias de Ananse

passou a funcionar quinzenalmente, depois mensalmente, até ser extinta. As músicas tinham o ritmo de axé e funk.

Segundo a proposta, o discente deve significar os conteúdos estudados na escola. Na prática, muitos conteúdos são desvinculados de uma percepção do que ocorre na sociedade e no mundo que rodeia os discentes. Há ênfase na memorização e poucos espaços para reflexão dos conteúdos apresentados.

1.3 Educação Infantil e sua proposta pedagógica

Em 2004 foi formado o primeiro grupo de educadoras da Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia. As educadoras foram lotadas na escola após nomeação em concurso público para o provimento de cargo de Educador Infantil. Até então a escola só possuía os níveis do ensino fundamental regular, fundamental e educação de jovens e adultos (E. J. A) Foi um período de expectativas e anseios. A novidade mobilizou a escola e a comunidade. Fazendo parte deste primeiro grupo, percebi os avanços obtidos na construção dos processos pedagógicos. Inicialmente cada educadora implantou suas práticas pedagógicas de acordo com sua concepção de ensino. Contudo, identificando a realidade dos alunos, pautando-se nas orientações da SMED e nas diretrizes da educação infantil, o projeto pedagógico unificou-se em uma mesma concepção de infância.

Os alunos atendidos na educação infantil, no turno da manhã, são da faixa etária de 04 a 05 anos e no turno da tarde de 03 a 04 anos.

O grupo de profissionais é formado em cada turno por quatro professores titulares, um apoio e a coordenação (eleita do grupo de educadoras). A escolha de turmas baseia-se no perfil do professor mais adequado à idade dos alunos e nos desafios a serem superados.

No ano de 2010 estou lecionando para a turma de 03 anos, no horário de 13h20min às 17h40min. As atividades diárias visam a ampliar a percepção de mundo, a linguagem oral e conceitos. O brincar está presente na rotina escolar, enfocando aspectos cognitivos. Assim, são trabalhados com os alunos conteúdos de várias disciplinas de uma forma lúdica. Os alunos aprendem a contar, a ter noção de quantidade, a diferença entre letras, números, desenhos, etc. Quanto à rotina, essa é considerada essencial para fixação de regras e para a compreensão de tempo decorrido.

Cada sala possui 20 alunos. Eles provêm da comunidade do bairro Ouro Preto (3ª Gleba) e adjacências, classificada como área de vulnerabilidade. São alunos, em sua maioria, com baixa condição econômica, alguns com histórico de abandono e violência; com casos de encaminhamento à escola, como medida de proteção, pelo Conselho Tutelar. A escola oferece alimentação, além da merenda convencional, já que, vários alunos chegam à escola reclamando estar sem alimentação. Fornece uniforme gratuito aos que comprovarem falta de condições financeiras para adquiri-lo. A escola também faz parcerias com o posto de saúde devido ao alto índice de problemas bucais, em que os alunos apresentam grande índice de cárie e maus cuidados.

No turno da tarde, há atendimento para alunos de 3 a 4 anos. Tal organização tomou como apoio a constatação de que em anos anteriores as crianças de 3 anos que estudavam pela manhã, chegavam muito sonolentas à escola (7h00min).

1.4 A relação escola/comunidade

Existem projetos de parceria com outras instituições e com a comunidade, como por exemplo, o Projeto Rede Pela Paz, que foi um trabalho que partiu de um diagnóstico da Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia, realizado em 2002. A partir dele foram definidas pelo coletivo da escola algumas propostas:

- Ampliação do trabalho já realizado na escola com pais de alunos;
- Promoção de parcerias com Postos de Saúde, SESC, Programas da Prefeitura, a fim de buscar a promoção da comunidade com relação a trabalho, educação, saúde;
- Reunião com setores da comunidade tais como: Posto de Saúde, Igrejas, Escola, Associação de moradores, Rádio Comunitária, Polícia Militar, BHTRANS, representantes da administração municipal, pais de alunos, para realização de um trabalho conjunto.

No geral há um bom relacionamento entre a comunidade e a escola, porém fica implícita nas falas dos professores que eles consideram o local de trabalho uma área de risco para segurança pessoal, que há muita violência em torno da escola e

que o baixo nível econômico dos alunos tem relação direta com o desinteresse pelo aprendizado.

1.5 A turma na qual será implantado o plano de ação

A turma de três anos recebeu o nome de Turma da Mônica.

Na classe estudam vinte alunos, brancos e negros.

Os alunos movimentam muito e são bem expressivos. Necessitam que eu faça interferência em algumas brincadeiras que os levam a brigar.

Gosto de propor atividades de movimento, teatro, jogos, já que a turma demonstra necessidade de expressar e gastar energia.

Dos vinte alunos, sete deles são muito agitados; sendo seis meninos e uma menina, os quais têm que sentar em mesas separadas para que a aula possa transcorrer de forma mais tranqüila.

Devido às constantes brigas entre eles, fizemos o combinado da turma, o qual não se pode bater, nem morder e tem que saber dividir os brinquedos, caso contrário adotamos o termo “ficar de molho”, o qual a criança fica sentada pensando na atitude que ela praticou, até que possa novamente participar da atividade, reparando, assim, a atitude que cometeu.

Os alunos ainda não reconhecem letras e nem o nome.

Verifiquei que os alunos ainda não reconhecem limites espaciais, nem quantidade e não reconhecem as cores. Gostam de fazer atividades relacionadas à escrita e no momento, apenas três dos alunos ainda não conseguem colorir dentro do limite.

Gostam de brincar com os jogos de encaixe, de assistir filmes, de cantar, de ouvir histórias e de andar de velotrol. As meninas gostam muito de brincar com os brinquedos de casinha e os meninos de chutar bola.

A característica que os alunos possuem é de serem muito carinhosos com a professora. Gostam de presentear e trazem flores todos os dias, sendo que muitos trazem até mesmo uma folha de árvore e se sentem felizes ao me entregar a folhinha.

Gostam de elogiar e de serem elogiados, observando então que uma positiva mudança se conquistou, onde as novas gerações já se identificam positivamente com os ícones da cultura negra.

Em relação ao nível sócio-econômico dos alunos, conforme dados retirados da ficha individual do aluno, observei que os pais percebem entre um e um salário mínimo e meio por mês, onde suas ocupações são variadas: motorista, vendedor, ascensorista, jardineiro, carpinteiro, ajudante, montador, servente, eletricista, aposentado e comerciante, sendo que, quando são as mães as responsáveis pelo lar, estas ocupam a função de domésticas.

Das vinte fichas analisadas, constatei que apenas sete famílias possuem moradia própria, sendo as demais moradias alugadas ou emprestadas.

No que diz respeito ao acesso de lazer, prevaleceu o passeio em casa de parentes, parques municipais e às vezes em zoológico ou quando acontece no bairro algum evento, como a rua do lazer, promovida pelo SESC, pois na comunidade não existem espaços culturais.

Em relação às questões étnicas raciais não existem manifestações de preconceito e não foi observado nenhum sinal que aponte baixa auto estima relacionada a alguma criança, onde foram feitas várias atividades para verificar a veracidade da observação.

Os alunos, por serem muito novos, ainda não demonstram interesse especial por algum tópico relacionado à cultura afro brasileira, sendo esse assunto muito recente, mas demonstram sim grande interesse em ouvir as histórias de literatura infantil africanas, assim como também demonstram interesse pelos contos europeus, não conseguindo ainda diferenciar as diferentes origens.

2. JUSTIFICATIVA

Na educação infantil os alunos estão menos expostos à visão etnocêntrica, uma vez que há um novo olhar devido às lutas e conquistas dos movimentos sociais, como por exemplo, o Movimento Negro. Na mídia, negros aparecem em papéis relevantes e não mais apenas em papéis secundários e serviçais; nas propagandas vemos maior diversidade racial e concomitantemente pessoas negras assumem o poder e repercussão mundial. Tudo isso é muito novo a outras gerações, mas fazem parte da vivência dessa geração, fazendo-as identificar positivamente com os ícones da cultura negra.

Segundo Gomes:

“Apesar das marcas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/resignificação do ser negro. Pode ser a família, a participação em espaços políticos, a atuação de um professor ou professora, a construção de uma amizade ou de um relacionamento amoroso”. (GOMES, 2003)

Contudo por muito tempo, gerações anteriores conviveram com um universo repleto de ícones, literatura, materiais impressos em que o afro-brasileiro aparecia como ser subjugado ou inferior, tanto na mídia, como nas escolas. Silva, (1995) em seu livro *“Negro, qual é o seu nome? afirma que*

“A instituição escolar tende a criar uma dificuldade de identificação dos indivíduos negros com seu grupo de origem e colabora para a perda de identidade cultural, quando os induz à crença de que são portadores de uma subcultura, analisada como folclórica pelos agentes pedagógicos presentes no universo da escola, ao utilizar livros e material didático que contêm imagens estereotipadas dos negros, ao repassar conteúdos etnocêntricos e silenciar sobre a luta de resistência dos antepassados negros contra o trabalho servil”.

Há na instituição escolar um discurso que reforça o preconceito. Como por exemplo, quando se escolhe o aluno branco para ser o príncipe, ou com frases dentro de sala de aula que sinalizam uma rejeição pelo cabelo afro “sua mãe tem que dar um jeito nesse cabelo”; Ou quando o toque do cabelo somente é direcionado ao aluno de cabelo liso. Ainda, segundo Silva (1995)

“a partir de 6 anos o ser humano, já possui uma linguagem orientada para a vida em sociedade, dando significado as coisas, ele compreende e é compreendido pelo outro, conseqüentemente o homem elabora sua visão do mundo e sua classe social, absorvendo

e adotando determinados papéis na estrutura social. Portanto um processo de comunicação em que as mensagens verbais expressem o domínio de uma pessoa sobre a outra é prejudicial à construção da Identidade”

A criança tende assimilar valores e reproduzir discursos, sua auto-imagem passa pelo olhar e conceito do outro. Esse olhar pode torná-la segura e autoconfiante ou cheia de complexos de inferioridade. Tal sentimento pode acompanhá-la por toda etapa escolar o que pode influenciar no seu rendimento na aprendizagem. Vários são os relatos de crianças negras que sofrem discriminação e tornam-se tímidas a ponto de não participarem das aulas ou assumem rótulos estigmatizados, assumindo-se como burras ou inquietas. Segundo o censo escolar de 2007 a distorção idade /série de brancos é de 33,% na 1ª série e 78,7% na 8ª série. Dentre os jovens brancos de 16 anos 70% haviam concluído o ensino fundamental obrigatório, enquanto que dos negros apenas 30%%. Dentre as crianças brancas de 8 e 9 anos na escola, encontramos uma taxa de analfabetismo da ordem de 8% enquanto que dentre as negras essa taxa é de 16% (Diretrizes Curriculares para Educação das relações étnica racial e para o ensino e cultura afro-brasileira)

A instituição escolar tem que estar atenta para formas implícitas ou explícitas que reforçam a visão etnocêntrica e não incorrer no erro; deve promover valores que ajudem nas relações interpessoais e no respeito às diferenças étnicas, na construção da identidade e utilizar estratégias que auxiliem na representação positiva da herança africana. Segundo Santos (1990) é necessário desfazer idéias estereotipadas sobre a África. Conhecer a origem dos afros descendente anula um discurso baseado em mitos e superstições que muitas vezes levam a uma inferiorização dos grupos originados desse continente. É recorrente as falas sobre as misérias da África e, sobre a visão do um continente acultural e selvagem e assim rotular os afro descendentes.

A lei de diretrizes curriculares Nacionais para Educação das Relações Ètico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana afirma que:

“a lei 10.639/03 esclarece que os estabelecimentos de ensino têm atribuição de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior deixem de sofrer os primeiros e contínuos atos de racismo que são vítimas.”

Assim a construção da identidade negra será vinculada a auto estima positiva, pertencente a um grupo de origem que possui uma história valorosa e rica culturalmente que deixam marcas na arte, dança oralidade, escrita; entre outros.

A educação Infantil primeira etapa da vida escolar pode promover um olhar positivo das heranças africanas. A rotina escolar na educação infantil pode propiciar um ambiente que favoreça o respeito á diversidade. A hora da rodinha é momento propício para que se enxergue e escute o outro. As atividades nela realizadas podem ser direcionadas para abordar temas relevantes para o universo infantil. É um momento propício para que a criança exponha seus anseios e manifeste seu pensamento e o professor proponha atividades musicais, contos e atividades de percepção do próprio corpo e do outro. Ao expressar-se, observar-se e ao outro internalizará o respeito à diversidade e aceitação de si mesma. Segundo as diretrizes curriculares nacionais

“O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais nos primeiros anos de vida são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendem e se envolvem conscientemente em ações que conhecem e valorizam a importância dos diferentes grupos etnicorraciais para história e cultura brasileiras.”

Paulo Freire em Carta do direito e do dever de mudar o mundo diz que *é certo que mulheres e homens podem mudar o mundo, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que “chegam” em sua geração...*

Na educação infantil os alunos trazem marcas de suas próprias experiências que interfere na sua significação de ser negro, mas é na escola que terão os primeiros contatos com os conceitos institucionalizados e a produção social acumulada historicamente. Sua visão de mundo será ampliada juntamente com a percepção de espaços sociais e culturais. Ali terá contato com mensagens explícitas e implícitas que preservam juízo de valor. É evidente que o discurso existente dentro de uma sala de aula não é neutro. Todo ícone selecionado, toda ilustração escolhida para o ambiente, a forma como é direcionada a rotina escolar está impregnada com a ideologia escolar e com a visão de mundo do corpo docente. Segundo Freire

“o momento de que uma geração faz parte, porque histórico, revela marca antigas que envolvem compressões da realidade, interesses de grupos de classes, preconceitos, gestações de ideologia que se vêm perpetuando em contradição com aspectos mais modernos.”

Gomes (2003) afirma sobre os diversos espaços de construção da identidade negra. Sendo a escola um desses espaços, deve haver uma reflexão e postura crítica sobre o grau de transformação do discurso preconceituoso nela existente, persistindo na importância de trabalhar desde a educação infantil com a diversidade étnico-racial para que cresçam com uma auto-estima positiva, capazes de expor seus pensamentos e participar ativamente do processo educativo. Há muito a ser feito em relação à busca da consolidação da democracia brasileira, e a sociedade se movimenta em várias esferas para retificar ações que impedem a cidadania plena dos afros descendentes, Essas ações utilizam como juízo de valor positivo tudo que transpareçam a herança européia, desde a cor da pele aos discursos científicos, Até então, o reconhecimento e valorização das raízes européias torna cidadão de direito todos que trazem a marca dessa descendência; subjugando-se as outras descendências e desconsiderando a pluralidade étnico-racial como um somatório de riquezas culturais. Essa visão etnocêntrica vem desde o colonialismo e ainda persiste. *Lopes (2008)* fez um comentário pertinente: segundo a visão eurocêntrica os africanos só seriam considerados civilizados ao alcançarem o padrão europeu. (*História da África uma introdução*) Ainda hoje há uma cultura de branqueamento, uma tentativa de moldar à imagem dos europeus para que o negro seja aceito socialmente. O corpo docente tem que estar preparado para questionar até que ponto reproduz valores etnocêntricos ou pauta-se em uma concepção pedagógica que produz valores de respeito às diferentes etnias. Nos estabelecimentos de ensino, segundo a resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

O plano de ação tem como proposta de trabalho dinamizar a hora da rodinha para promover valores de respeito às diferenças, aceitação de si mesmo e valorização das heranças africanas.

3. OBJETIVO GERAL

Prevenir o racismo auxiliando na construção da identidade cultural das crianças negras e pardas, tornando-as orgulhosas de sua afro descendência.

3.1 Objetivos específicos

- Pesquisar e selecionar material bibliográfico que contenha temas africanos e afro brasileiro.
- Criar material didático que promova valores positivos em relação à herança africana.
- Criar espaços de reflexão sobre raça /etnia /diversidade
- Reconhecer espécies de animais de origem africana.
- Valorizar a estética dos cabelos afro.

4- METODOLOGIA

O tema que orienta este plano de ação é Prevenção ao Racismo. O presente projeto surgiu da observação do cotidiano escolar, pois diferente dos anos anteriores, (2004/2009) os alunos não apresentam nenhuma manifestação de preconceito ou discriminação em relação às diferentes etnias.

Para verificar a veracidade da observação várias atividades foram realizadas, como por exemplo, a contação de uma história, cuja personagem principal era uma fada: Foram apresentados à turma dois livros: um que continha uma bonita menina branca (Cachinhos de ouro) e outro que continha uma bonita menina negra (bonequinha preta). Um a um, os alunos deveriam apontar em qual livro estava à história da fada. Em outro momento foi levado á turma uma boneca preta de pano, de 1 metro e 20 cm que causou muita admiração e manipulação. Todos os comentários apontaram para uma idéia positiva da boneca. Ainda foram mostradas duas figuras que continham as histórias Cachinhos de ouro e a bonequinha preta (somente as personagens principais) para os alunos escolherem qual era mais bonita e gostariam de levar para casa. O resultado da pesquisa foi:

Tabela 2 Observação comportamental de alunos da educação infantil.

| Alunos | Bonequinha preta | Cachinhos de ouro | Não souberam opinar | Total de entrevistados |
|---------------------------|------------------|-------------------|---------------------|------------------------|
| Apontaram como sendo fada | 12 | 8 | 0 | 20 |
| Acharam mais bonita | 9 | 11 | 0 | 20 |

Os resultados sinalizam a possibilidade de uma positiva mudança social e deve ser reforçado pela instituição escolar. Foram realizadas atividades pedagógicas para reforçar e estimular estas atitudes.

Para a realização deste plano de ação foi necessária a realização de uma reflexão a respeito da etnia na sala de aula e optar pelas seguintes ações:

- Pesquisa investigativa sobre a visão do aluno em relação às diferentes etnias;

- Levantamento e análise dos dados coletados;
- Levantamento do referencial teórico;
- Leitura e seleção do referencial teórico apropriado ao projeto.

Essas ações citadas procuram explicar as relações étnicas a partir das referências teóricas publicadas e da realidade do aluno, buscando conhecer e analisar as contribuições para continuar incentivando o respeito à diversidade.

Foi feita uma observação no decorrer do ano letivo completando a coleta de dados, cujo objetivo é verificar se houve contribuição para o fortalecimento de relações de respeito e valorização das diferenças, especificamente, das diferenças raciais em sala de aula.

A seguir, cronograma das atividades desenvolvidas:

1ª atividade: **16/08/10 a 20/08/10** – Contação da história: Bruna e a Galinha D'Angola. Trabalho de artes com a pintura da galinha d' angola.

2ª atividade: **23/08/10 a 27/08/10** – Literatura: a) O cabelo de Lelê. B) As tranças de Bintou - Atividade na rodinha: Observação da própria imagem e a do colega refletida no espelho.

3ª atividade: **30/08/10 a 03/09/10** – História: De todas as cores. Atividade na rodinha: Confecção coletiva do desenho de um jardim representado por vários tipos de cores.

4ª atividade: **06/09/10 a 10/09/10** – História: a) Gigi o Girassol. b) Diversidade Atividade na rodinha: Manuseio do livrão com a leitura realizada pela professora e trabalho de artes com a pintura do girassol.

5ª atividade: **13/09/10 a 17/09/10** – História: O elefantinho da tromba caída: Trabalho de artes, dobradura com o tema elefante.

6ª atividade: **20/09/10 a 24/09/10** – História: a) Menina Bonita do Laço de Fita. b) A Bonequinha Preta. - Atividade proposta: Os alunos foram motivados a observar a si e aos colegas de forma carinhosa.

7ª atividade: **27/09/10 a 01/10/10** – Literatura: Doce Princesa Negra. Atividade realizada: Os alunos usaram o fantoche da doce princesa negra fazendo encenações.

5. DESENVOLVIMENTO

Conforme mencionado na justificativa, durante o ano de 2010 observei que diferente dos anos anteriores, os alunos não demonstraram preconceito ou discriminação racial. Para fazer o reforço positivo direcionei as atividades na hora da rodinha com literaturas africanas e afro-descendentes e apliquei dinâmica de grupo com ênfase na percepção de si e do outro.

Duas vezes por semana, na hora da rodinha, utilizei estratégias para o fortalecimento da identidade negra e da auto-estima dos afro-descendentes. O eixo detonador eram as histórias que criavam momentos propícios para atividades de observação e reflexão.

A seguir serão descritas as atividades realizadas juntamente com a história usada como eixo detonador.

- **1ª Atividade:** Para o reforço positivo contei a história da “Bruna e a Galinha D’Angola”, de Gercilga de Almeida, cuja história é uma homenagem às raízes negras do Brasil.

Após o conto da história conversei sobre a origem da galinha d’angola e fizemos uma atividade usando tinta preta, papel e canetinha, passando tinta em toda a mãozinha, fazendo uma galinha d’angola, sendo que após a secagem da tinta, os alunos fizeram as pintinhas na galinha, usando corretivo e fazendo o bico e os pés com a canetinha, com o auxílio da professora. Logo em seguida, fizemos uma exposição no mural da sala. Foi um belo trabalho!

- **2ª Atividade:** Trabalhei com as literaturas: “Doce Princesa Negra”, de Solange Cianni, onde o objetivo é auxiliar na construção da identidade negra na infância; “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, o qual mostra a beleza de ser como é, descobrindo os vários tipos de cabelos, tão lindos, tão belos; “As tranças de Bintou”, de Sylviane A. Diouf”, que é uma história comovente, que permite repensar o Brasil através dos costumes africanos, onde se constata uma criança que usava birotos na cabeça e vivia sonhando em ter tranças longas como os adultos.

Fiz uma discussão sobre os cabelos que cada um de nós tem e em seguida, ficamos todos de frente para o espelho, onde observamos a beleza que cada um de nós possui e logo depois, cada criança acariciou o cabelo de cada

coleguinha. Foi muito interessante esta atividade. Todos ficaram entusiasmados em acariciar o colega.

Aproveitando o envolvimento dos alunos com a história “Doce Princesa Negra”, pude contar com a colaboração da direção que muito se prontificou na compra dos materiais de que precisava para que o projeto de intervenção pudesse transcorrer da melhor forma possível. Sendo assim, foi feito um fantoche da Doce Princesa Negra para cada aluno, como finalização dessa atividade.

Esse trabalho ficou tão lindo que até mesmo as outras professoras da educação infantil, tanto do turno da tarde quanto do turno da manhã, decidiram executar a mesma atividade, com o mesmo objetivo. Todos os alunos ficaram fascinados em saber que aquela Doce Princesa Negra seria levada para sua casa, podendo ser mostrada aos seus pais, parentes, vizinhos e amiguinhos. O fantoche da Doce Princesa Negra ficou realmente lindo; qualquer criança gostaria de ter um.

- **3ª Atividade:** contei a história “De Todas as Cores”, de Nye Ribeiro, onde a idéia central é plantar no coração das crianças um jardim com flores de todas as cores, ensinando-as a amarem a vida em todas as suas formas e manifestações, sem qualquer tipo de preconceito, pois quando descobrimos nosso verdadeiro valor, podemos reconhecer também o valor do outro.

Em seguida colocamos no chão uma folha de papel craft grande, onde os alunos escolheram as cores de giz de cera para fazer um belo jardim, com todas as cores, trabalhando também a autonomia do aluno. Depois coloquei no mural da sala, para que eles pudessem apreciar a bela atividade.

- **4ª Atividade:** Gigi, O Girassol, de Gerusa Rodrigues Pinto, foi uma emocionante história que mostra um girassol que nasceu e cresceu no meio das espigas de milho, mas que essa diferença não foi motivo para impedir a amizade entre eles.

Fiz um livrão de um metro e quatorze centímetros de comprimento por oitenta e quatro centímetros de largura, onde os próprios alunos puderam fazer o relato da história. Todos ficaram muito alegres ao manusear o livrão. Cada aluno recebeu o texto com a história onde puderam colorir os personagens.

- **5ª Atividade:** Ao trabalhar a história “O elefantinho da tromba caída”, de Consuelo Dores Silva, o qual mostra uma emocionante aventura ocorrida na África, fizemos a dobradura do elefante, onde os alunos fizeram também a colagem dos olhos e se divertiram muito. Houve um envolvimento muito grande entre os alunos.
- **6ª Atividade:** Fiz também a contação das histórias: “Menina Bonita do “Laço de Fita”, de Ana Maria Machado e “Diversidade”, de Tatiana Belinky, onde o objetivo é mostrar que se todo mundo fosse igualzinho, o mundo não teria graça. Mas só reconhecer que as pessoas são diferentes não basta. É preciso respeitar as diferenças.

Dessa forma, fomos novamente para frente do espelho para observar as diferenças e apreciar carinhosamente a beleza de cada coleguinha e a sua própria beleza.

Observei que os alunos ficaram mais envolvidos e mais prestativos uns com os outros após a execução desse projeto, que ainda não chegou ao fim, mas que cada vez mais nos mostra a sua eficácia e aponta novos caminhos a seguir, sempre buscando um trabalho de qualidade e que faça sim uma diferença na mentalidade dessa geração que está sendo “construída”, através do reforço positivo, pois é um compromisso da educação investir na auto-estima das crianças.

6. AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita continuamente através de observações realizadas no cotidiano escolar, ressaltando o desenvolvimento integral da criança e o seu nível de construção, respeitando e valorizando cada momento de sua vida, o seu tempo de ser, de se desenvolver num ritmo próprio, propiciando detalhadamente aos alunos o contato com várias literaturas africanas, que lhe permitiram desenvolver suas habilidades de sonhar, imaginar, criar e produzir, através das atividades desenvolvidas.

Ao finalizar o plano de ação, os alunos passaram a concentrar-se nas atividades propostas, a folhear os livros com atenção, observando as gravuras e fazendo reconto das histórias.

Passaram a ter uma auto-imagem mais positiva e ajustada de si mesma, identificando características e qualidades pessoais.

Notei que houve um fortalecimento na amizade e boa convivência entre os alunos. Eles passaram a observar e verbalizar admiração pelo penteado do coleguinha. Notei que vários alunos passaram a fazer penteados diferentes: as meninas com cachinhos, birotos e trancinhas e os meninos com o cabelo arrepiado, usando gel.

Observei também que os alunos ficaram mais envolvidos e mais prestativos uns com os outros, e que até mesmo a linguagem oral está mais desenvolvida.

As aulas transcorreram sem receitas e sem modelos prontos, tornando-se momentos prazerosos, onde os alunos participaram das atividades com vontade, curiosidade e entusiasmo.

O plano de ação desenvolvido em sala de aula atingiu o objetivo de valorizar as heranças africanas e expandir o conhecimento sobre a cultura africana e afro brasileira. Foram abordados temas como a etnia, diversidade, aspectos culturais e geográfico do continente africano.

O tempo foi organizado e utilizado de forma flexível, respeitando o ritmo de trabalho de cada aluno. O espaço de aprender transpôs as paredes da sala de aula, atingindo as outras salas e ao outro turno, onde todas as professoras da educação infantil demonstraram interesse em realizar alguma das atividades por mim desenvolvidas, com relação à cultura africana, tendo até mesmo surgido interesse em realizar o curso de pós graduação em História da África, por parte de colegas.

Quanto à direção, esta ficou muito feliz em saber que o meu plano de ação estava sendo colocado em prática, se prontificou em comprar os materiais que eu precisava.

O resultado que alcancei foi maior do que o esperado, motivo pelo qual me sinto muito feliz e realizada, sendo que, profissionalmente, houve um crescimento notável, pois me tornei mais atenta e interessada em relação às conversas e opiniões feitas na escola e a forma e momento de apresentá-las, tendo, também ampliado o meu posicionamento no tratamento com os pais, dando mais atenção e demonstrando um maior interesse pelas suas falas.

Pessoalmente posso dizer que o meu crescimento foi o interesse em descobrir e proporcionar aos meus alunos algo novo que lhes traga prazer e satisfação.

Senti um envolvimento maior em relação às minhas companheiras de trabalho, onde aprendi a trabalhar mais coletivamente, juntando e trocando experiências, fortalecendo cada vez mais a união e o companheirismo do grupo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa vida é permeada de projetos, que são planos que serão realizados no futuro. No entanto, para que estes planos possam ser realizados teremos que ter uma idéia formulada para exprimir os nossos desejos.

Por conseguinte, para que o processo de aprendizagem caminhe é necessário que o professor crie instrumentos que auxiliem seus alunos a refletirem sobre as ações que realizam.

O professor pode colaborar para formar pessoas do bem. Sua maior contribuição será criar oportunidades de aprendizagens que ajudem na construção de uma auto-estima positiva. Crianças que são bem sucedidas na escola gostam mais de si mesmas, são confiantes e abertas para interagir afetivamente com os demais.

É difícil gostar dos outros quando não se ama a si mesmo!

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a Galinha D'Angola; ilustrações Valéria Saraiva**, 3 ed. Rio de Janeiro: EDC. Editora Didática e Científica e Pallas Editora, 2003.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelé**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999. (Coleção Camaleão)

BRASIL. LEI N 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003.

CIANNI, Solange Azevedo. **Doce Princesa Negra**. Editora LGE, 2006

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana; p.35

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

FREIRE, Paulo **Carta: do direito e do dever de mudar o mundo**, Editora Expressão Popular, 2001, p.317

GOMES, Nilma Lino **Educação, identidade negra e formação de Professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Revista: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

LOPES, Ana Mônica **História da África: uma Introdução**; p.19 Editora Crisálida, 2008.

MACHADO, Ana Maria **Menina Bonita do Laço de Fita**, Editora Ática, 1997

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta/Alaíde** . Belo Horizonte, Editora Lê, 2004.

PINTO, Gerusa Rodrigues **Gigi o Girassol**, Editora Fapi Ltda.

RIBEIRO, Nye **De todas as cores**. Editora Roda e Cia,2005

SILVA, Consuelo Dores **Negro, Qual é o seu nome**; p.103 Maza Edições, 2ª edição, 1995

SILVA, Consuelo Dores **O elefantinho da tromba caída**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

9 – ANEXOS



Bruna e a galinha d'angola



De todas as cores

Doce princesa negra



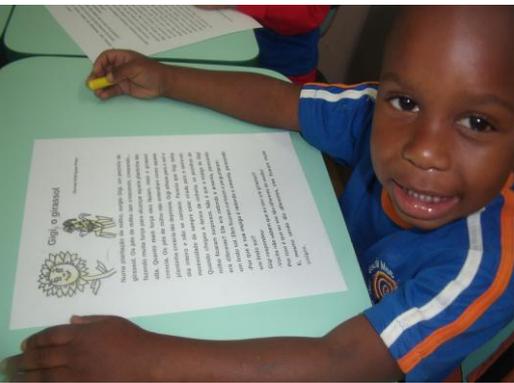


O elefantinho da tromba caída



Gigi o girassol





Atividade: Gigi o girassol



Páginas do livrão

